



TORDESILHAS

NEY

MATOGROSSO

VIRA-LATA DE

RAÇA

Memórias

Antes de estreiar no Secos & Molhados, fui em casa e avisei que estava integrando um grupo escandaloso, e que a família poderia ficar um pouco assustada. Minha mãe disse que eu que tomaria um susto ao vê-la na plateia. Meu pai não foi me assistir no Secos & Molhados, só foi ao show *Homem de Neanderthal*, mas antes de sentar na plateia ele tomou um remédio para o coração. Depois comentou com minha irmã que havia gostado e que me admirava como artista, mas nunca me disse nada diretamente, eu também não perguntava. Quando apareci pela primeira vez na televisão, lembro que meu pai ficou chocadíssimo porque achava que eu estava de saia. E não era saia, e sim uma calça de odalisca. A “saia” foi o que mais incomodou meu pai – o fato de eu estar requebrando, todo pintado, ele engolia. Com o passar dos anos ele foi muitas vezes assistir aos meus trabalhos, o que me permitiu entender que meu pai ficava orgulhoso do filho artista.

Costumo dizer que meu pai foi a figura mais importante da minha vida, graças a ele sou a pessoa que sou. Com toda minha rebeldia, acredito ter ensinado algo ao meu pai. E também aprendi muito com ele, como a desafiar o autoritarismo e buscar a liberdade. A reconciliação com meu pai só começou quando eu fui morar em São Paulo, hippie, antes de ter sucesso ainda. Ao me visitar em São Paulo, num quarto alugado na casa de uma espanhola, ele me achou muito pobre e ofereceu um trabalho remunerado em ilha Solteira, região onde trabalhava, no interior de São Paulo, na divisa com Mato Grosso do Sul. Respondi que ele não estava entendendo nada, eu era feliz daquela forma, pobre, amava a minha vida daquele jeito. Sempre que nos encontrávamos, ele me oferecia dinheiro, mas eu não aceitava.



Aos 13 anos, ao lado do meu irmão mais novo, Grey, com 11.



Aos 17 anos, na Aeronáutica,
no Rio de Janeiro.

Houve um momento importante para nós dois, quando tivemos conversas sobre assuntos familiares, um acontecimento muito raro. Ele estava para retornar para o Mato Grosso, e marcou um encontro comigo em frente ao prédio do Estadão, no centro de São Paulo. Eu me lembro como se fosse hoje, o espanto do meu pai quando lhe beijei no rosto. Ele olhava ao redor, para se certificar de que ninguém havia presenciado aquela cena de um homem beijando o outro no rosto. A partir desse episódio, passamos a nos tratar com amizade, ele passou a me respeitar. Fui o único, entre meus irmãos homens, a beijar meu pai. Já adulto, com trajetória artística estabelecida, os amigos me contavam que ele falava de mim com carinho e que me admirava.

Uma vez, quando morávamos em Campo Grande, na década de 1950, meu pai me disse: “Em outra vida nós viemos juntos e você me venceu, mas desta vez você não me vencerá”. Ele era espírita e achava que estava vivendo uma batalha comigo nessa encarnação, para se ter uma ideia de como era a relação. Havia muita discordância de visão de mundo, por isso os conflitos. Só fui resolver esse carma com meu pai quando consegui, por fim, ultrapassar esse sentimento de raiva entre nós, entender e perdô-lo, após as experiências espirituais que vivenciei com intensidade, como o Processo Fisher Hoffman* e os rituais de Daime**. Ao compreender que ele reproduzia uma educação dura que havia aprendido, então passei a ter compaixão. Com o passar dos anos, o amor que passamos a cultivar nos libertou daquela situação triste.

* Processo Fisher Hoffman é um curso de autoconhecimento e reeducação emocional, ministrado pelo Centro Hoffman há mais de trinta anos. Trata-se de metodologia de autodesenvolvimento, criada em 1967, nos EUA, por Bob Hoffman (1898-1985), avalizada pela Universidade Harvard (EUA) devido à sua capacidade de promover mudanças de paradigmas por meio do aprimoramento da competência emocional.

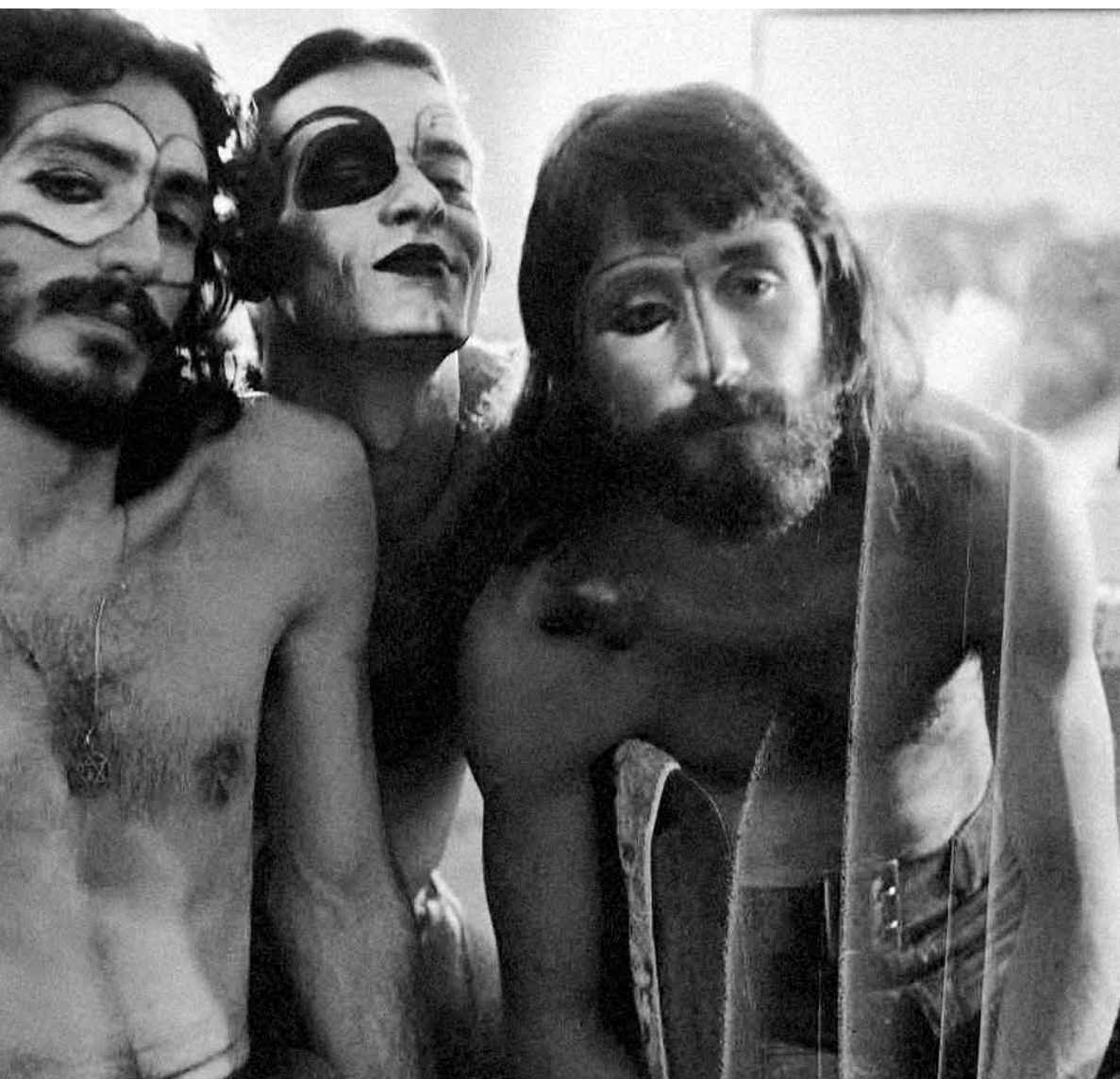
** *Ayahuasca* (do quíchua, que significa “vinho dos espíritos”), bebida sacramental conhecida como Daime, Santo-Daime, Iagé, Uni, Hoasca e Vegetal, entre outros nomes, é uma coção produzida a partir da combinação da videira Chacrona (*Psychotria viridis*) com o cipó Jagube (*Banisteriopsis caapi*), utilizada em práticas espirituais como forma de obter autoconhecimento e sabedoria. A doutrina do Santo-Daime (Daime) foi criada por Raimundo Irineu Serra (1890-1971), mais conhecido como Mestre Irineu ou Mestre Juramidam, filho de escravos, fundador do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal, Alto Santo, em Rio Branco (AC), onde é mantida a tradição através da dignatária Peregrina Gomes Serra, viúva do Mestre.

Quando meu pai estava prestes a morrer, em 1986, nos reaproximamos e tivemos conversas muito íntimas. Foi num desses encontros que ele se disse arrependido de ter criado os filhos homens de forma tão conservadora e autoritária. Nosso amor se expressava nos pequenos atos, como, por exemplo, ir até uma sorveteria para buscar o sorvete preferido dele. Costumo afirmar que eu dei sorte de ter nascido filho de militar, porque isso já me colocou como transgressor. A questão da sexualidade era um fantasma do meu pai, não meu. Sou grato a ele por toda essa experiência de vida, inclusive pela oportunidade de morar em diferentes lugares, que, apesar de não permitir que eu firmasse laços de amizade, me ensinou a ser independente, desapegado. Gosto de não ter apego, ser livre.

O mais curioso nessa história toda é que eu nunca me achei parecido com meu pai, mas quando ele morreu, e olhei para o corpo dele no caixão, me vi. Éramos iguais. Naquele instante, em sua despedida, tive um reconhecimento de minha ancestralidade e compreendi muito minha história de vida. Penso no meu pai regularmente, com amor. Após a morte dele passei a senti-lo ainda mais próximo.

3

DELÍRIO



Em fotografia de Ary Brandi, com Gerson e João Ricardo no camarim do Secos & Molhados, em 1973.

O QUE TEM DE SER
TEM MUITA FORÇA,
TEM UMA FORÇA ENORME

JOÃO GUIMARÃES ROSA
GRANDE SERTÃO: VEREDAS (1956)

Eu tinha uma certeza dentro de mim, sempre tive, de que algo importante ocorreria em minha vida artística, imaginava que podia ser o teatro, só depois fui saber que a música seria a protagonista. Quando a Luhli me falou do Secos & Molhados, entendi que havia chegado o momento. Estava com 30 anos e com muitos sonhos. Eles queriam um homem cantando no registro agudo como o meu. As pessoas ouviam no rádio e ficavam em dúvida: é um homem ou uma mulher? Quando me viam no palco, maquiado, com bigode e uma grinalda na cabeça, requebrando como um ser híbrido, ficavam ainda mais confusas.

Trabalhamos o repertório do Secos & Molhados exaustivamente, ensaiando onde tivesse espaço, por cerca de um ano. Um ensaio acompanhado por dois violões, gaita e voz; só mais adiante, quando estávamos próximos da estreia, entrou a banda. Em paralelo aos ensaios do Secos & Molhados, eu vendia meu artesanato e fazia peças de teatro para sobreviver em São Paulo. Cheguei ao grupo de forma muito intuitiva, trazendo para o palco o que tinha aprendido em minha vivência artística. Como era uma pessoa muito tímida, incapaz de me comunicar, resolvi procurar o teatro. A timidez era tanta que se eu entrasse num lugar não conseguia nem dar boa-noite, nem conversar com ninguém, uma coisa horrível.

Quando surgiu o Secos & Molhados, eu trabalhava como ator, me desdobrando em vários personagens. Em minha primeira peça,

Dom Chicote Mula Manca e seu fiel companheiro Zé Chupança, meus personagens eram o espantalho, o pastor de ovelhas e o secretário do Rei. Na segunda, “Rosinha do túnel do tempo”, interpretei José Bonifácio, D. Pedro e um cientista maluco. Estava sempre me multiplicando em outros. *A viagem*, uma adaptação de *Os lusíadas*, foi a peça que mais me exigiu e me preparou para a música, pois era realmente um musical, com setenta pessoas em cena e uma banda – que depois acompanhou o Secos & Molhados nos shows. Eu ficava dançando no escuro, reproduzindo os sons no meu corpo, foi assim que tomei consciência de que podia dançar.

Em dezembro de 1972, fizemos a primeira apresentação do Secos & Molhados na Casa da Badalação e Tédio, do Teatro Ruth Escobar, em São Paulo, com os rostos e corpos pintados. Foi no mesmo local onde eu encenava a peça *A viagem*, cheguei a convidar o elenco para a estreia. No terceiro dia, o Secos & Molhados já era um sucesso estrondoso. Saíram muitas matérias de jornais, o teatro tinha de ficar com as portas abertas, pois uma multidão permanecia do lado de fora querendo assistir. Era muito impressionante, pois vivíamos o governo de Costa e Silva, um dos períodos mais sombrios da história do Brasil, época do AI 5*, com aquela ditadura horrorosa, preconceituosa, censurando a todos.

O Secos & Molhados surge num período que marcou o fim dos históricos festivais de música das TVs Excelsior, Record e Globo – a famosa

* O Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968, marcou o início do período mais duro da ditadura militar (1964-1985). Editado pelo então presidente Artur da Costa e Silva, ele deu ao regime uma série de poderes para reprimir seus opositores: fechar o Congresso Nacional e outros legislativos (medida regulamentada pelo Ato Complementar nº 38), cassar mandatos eletivos, suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer cidadão, intervir em estados e municípios, decretar confisco de bens por enriquecimento ilícito e suspender o direito de *habeas corpus* para crimes políticos. O ministro da Justiça, Gama e Silva, anunciou as novas medidas em pronunciamento na TV à noite. Os primeiros efeitos do AI-5 foram percebidos naquela mesma noite. O Congresso foi fechado. O presidente Juscelino Kubitschek, ao sair do Teatro Municipal do Rio – onde tinha sido paraninfo de uma turma de formandos de engenharia – foi levado para um quartel em Niterói, onde permaneceu preso num pequeno quarto por vários dias. O governador Carlos Lacerda foi preso no dia seguinte pela PM da Guanabara. Após uma semana em greve de fome, conseguiu ser libertado.

“Era dos Festivais”*. Foi uma época de muita repressão e ao mesmo tempo de criatividade e resistência. Tanto eu quanto outros nomes da música tivemos problemas com a censura da ditadura. Caetano, Chico, Gal, Gonzaguinha, Raul Seixas, Luís Melodia sofremos com aquele clima de tolhimento e anulação de liberdades, presente no ar de forma cada vez mais intensa. Um dia após a promulgação do AI5, na tentativa de driblar a censura, o *Jornal do Brasil* publicou uma anedota na sua seção de meteorologia que buscava dar a dimensão dos acontecimentos:

Previsão do tempo: Tempo negro. Temperatura sufocante. O ar está irrespirável. O país está sendo varrido por fortes ventos. Máx.: 38º, em Brasília. Mín.: 5º, nas Laranjeiras.

A censura também ficou de olho em nós, os integrantes do Secos & Molhados – éramos considerados um problema para a moral e os bons costumes da época. Chegaram a proibir que as câmeras em programas de televisão me colocassem em *close*. A força do Secos & Molhados estava justamente em não assumir uma postura de enfrentamento com a ditadura, mas em se constituir como um desafio comportamental através da dança, das roupas, da subjetividade.

No dia da estreia, em São Paulo, nós saímos na rua, ali na Augusta, para colocar cartazes do Secos & Molhados, confeccionados pelo Gerson, onde estava escrito o nome do grupo – Secos & Molhados – e um discreto

* A Era dos Festivais foi um dos principais períodos da música popular brasileira, na década de 1960, que revelou através dos festivais de música popular brasileira talentos como Elis Regina, Caetano Veloso, Chico Buarque, Edu Lobo, Gal Costa, Gilberto Gil, Maria Alcina, Milton Nascimento e Vinicius de Moraes. Destacam-se o Festival da Música Popular Brasileira, criado para a TV Excelsior e, a partir do segundo ano, produzido e exibido pela TV Record, além do Festival Internacional da Canção Popular (FIC), transmitido pela TV Rio e mais tarde pela TV Globo.

subtítulo: “música e poesia”. Existia uma inquietação no ar, apesar do conservadorismo da política. O público ia ao teatro ávido para extravasar aquela situação deprimente do país. Não tenho dúvidas de que o surgimento do Secos & Molhados abalou as estruturas de um país careta, reprimido, foi uma reação a toda aquela repressão.

No último dia da apresentação do Secos & Molhados, em São Paulo, eu amarrei um couro inteiro de jacaré nas costas, com aquele rabo enorme arrastando no chão, e a dona do teatro, Ruth Escobar, ficou horrorizada. Ela dizia que não queria um bando de maconheiros no seu teatro. Depois saímos do Ruth Escobar para o Teatro Itália, que também ficava lotado e não conseguia comportar a multidão que queria assistir ao show do grupo. Aos poucos, as pessoas estavam discutindo comportamento e roupa, tentando entender como e por que agíamos daquela forma no palco.

Para o figurino, mandei fazer uma calça de cetim branca e comprei uma grinalda de noiva para colocar na cabeça, com flores. Com o passar do tempo, o grupo de colegas do teatro foi me trazendo trapos, estrelas, broches, pedaços de pele, tudo para compor o figurino. A purpurina, para passar no corpo, quem me trouxe foi a Maria Alice, companheira do Paulinho Mendonça, que compôs com o João Ricardo um dos maiores sucessos do grupo, “Sangue latino”. Por uma questão de privacidade, para me permitir agir e criar em cena com a liberdade que eu desejava, resolvi criar uma maquiagem inspirada no *kabuki*, o teatro tradicional japonês, com a diferença que era preto e branco. A personagem que criei me permitia liberdade para contestar aquela realidade opressora que vivenciávamos na ditadura, sem perder a privacidade. Não queria ser reconhecido, então só permiti que me fotografassem sem maquiagem muito tempo depois, quando percebi que o público me reconhecia fora do palco, de olho nu.

O empresário Moracy do Val começou a batalhar a gravação do primeiro LP com a Continental, que prensou mil discos. As músicas, como “Primavera nos dentes” e “Assim assado”, faziam críticas profundas à ditadura militar. A gravadora esperava vender os discos em um ano,

acabou vendendo tudo em uma semana. Em 1973 vendemos mais de 1 milhão de discos. O Secos & Molhados tornou-se um fenômeno da música popular brasileira, e logo saímos dos shows na apertada Casa de Badalação e Tédio para uma turnê nacional com espetáculos em grandes ginásios, e ultrapassamos a vendagem de 1 milhão de discos. Vendemos mais que o Roberto Carlos. A demanda pelo disco foi tão grande que a gravadora Continental teve que derreter LPs encalhados para fabricar mais vinis. Nós fizemos apresentações no *Programa do Chacrinha*, onde recebemos os discos de ouro, prata e diamante.

Foi nessa hora, quando começou a entrar dinheiro, que acabou o romantismo e a situação acabou se tornando insustentável. Moracy recebeu diversas propostas para levar o Secos & Molhados para os Estados Unidos e a Europa. Ele chegou depois que já estávamos em temporada na Casa da Badalação e Tédio, e foi o responsável por nos levar para gravar na Continental. Garantiu que, se não nos gravassem, iriam perder o grupo para outra gravadora. Antes disso, mandávamos nossas fitas com as músicas e as gravadoras nem ouviam, sequer retornavam.

Quando a Continental nos convidou para gravar, em dezembro de 1972, já estávamos com o repertório bem afiado, pois ensaiávamos muito. Triste é que muito foi cortado pela censura, músicas lindas foram proibidas, como “Tem gente com fome” e “Pasárgada” – esta inspirada no poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, do Manuel Bandeira. Censuraram alegando que o poema fazia apologia às drogas, por conta do verso “Pasárgada tinha alcalóide à vontade”.

O grupo tinha muita poesia, não somente nas letras das músicas, ou nos poemas musicados, mas na forma de intervir, de se colocar no mundo, de trazer um estranhamento ao olhar que está atento.

